

# A CULTURA COMO PATRIMÔNIO E A VIDA COMO CULTURA: DISPUTAS DE SENTIDOS NA CIDADE DE GOIÁS – UM PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE

Eguimar Felício Chaveiro [1]



OLAM - Ciência & Tecnologia, Rio Claro, SP, Brasil – eISSN: 1982-7784  
Está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)

## Introdução

Toda cidade sofre diferentes e recorrentes representações desenvolvidas por vertentes fabulárias, míticas, sociológicas, acadêmicas, estratégicas. E também advindas da vivência de diferentes grupos que, ao habitá-la, a transporta na memória, vida toda, por critérios de pertencimentos, de repulsas, de lembranças de alegrias ou por codificações trágicas. Por isso é que se tem dito que a cidade é uma síntese de cultura, economia, política, vivências, percepções e representações. Poder-se-ia sintetizar então: a cidade existe também pelo modo como é significada de acordo com sentidos edificados em sua apropriação.

A cidade de Goiás, chamada também de “Goiás velho”, possui alguns marcos de sentidos que ressoam quase em todas as representações que lhe identificam: é a primeira capital do Estado de Goiás; o seu sítio, contornado pela exuberância da Serra Dourada, mostra a estética torta do cerrado e é cortada, ao meio, pelo Rio vermelho; a sua paisagem com ruas tortas, íngremes e feitas de ladrilhos lembram o tempo lento; os seus casarões coloniais em forma consorciada com imensas janelas expostas às ruas expressam o registro de sua importância histórica.

Além disso, inscrevem-se como marcos identitários, os muros de rochas feitas por mãos negras dos escravos no século XVIII; as imensas igrejas, os mosteiros e os cruzeiros no cume dos morros; os museus que dão guarida a documentos e pertences dos bandeirantes colonizadores. No campo cultural, além da arquitetura colonial, há a inscrição das doceiras de Goiás; a proeza do versejamento de Cora Coralina que, em versos sensíveis, cantou a cidade, palmilhou-na interrogando o mistério da vida e a situação da mulher; os quadros de Goiandira Couto; os licores de murici; a culinária representada pelo empadão goiano e pelo arroz-com-pequi. A beleza cênica da procissão do Fogaréu; o evento Festival de Cinema Ambiental (FICA), etc.

E há, pela verve popular, e documentados na memória oral de sua gente, os causos da tirania esboçada pelo coronelismo de antigos remanescentes da família Caiado; o sofrimento do povo negro escravo; o trauma coletivo causada pela mudança da capital quando a cidade, foi acusada de necrópolis, espaço do

perigo e da morte, no jogo político e ideológico tecido pelo discurso dos “mudancistas”.

Todos esses marcos estão vivos e se ajustam a diversos tipos de percepção: as acadêmicas, as políticas, as artísticas e dos que a conhecem pela via do turismo, das expedições de campo. Mas um novo marco, a partir de dezembro de 2001, passou a inserir nos sentidos de Goiás: a cidade recebeu o título formal da UNESCO de Patrimônio da Humanidade.



Fig. 1: Cidade de Goiás: área urbana – Patrimônio histórico

Fonte: Dossiê: proposta de inscrição da cidade de Goiás na lista de patrimônio da humanidade (Organização: Loçandra Borges de Moraes – Digitalizado por Elizon B. Moraes).

Isso ocorreu depois de a cidade, desde a década de 1950, ter sido avaliada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) – como patrimônio histórico. O presente trabalho, ao interpretar os diferentes sentidos que esse título pode oferecer, será edificado para compreender a cultura como patrimônio e a produção da vida como elemento da cultura. Ao envergar a interpretação por essa via, tentar-se-á averiguar os desafios da gestão de espaços instituídos como patrimônio material e imaterial da humanidade.

Dois pressupostos guiarão as interpretações: a idéia de que o espaço ao ser praticado pela vivência social dos diferentes sujeitos que o apropriam, é produto também do sentido; e a idéia de que ao praticar o espaço, vida e cultura se imbricam, se implicam e se dispõem num elo que aglutina todos esses componentes.

Um problema desafiará a ação mental posta no trabalho: como a cultura penetra a vida de sujeitos e do espaço tornado patrimônio da humanidade? Além desse problema outro é importante: qual é o significado de tomar a cultura como patrimônio?

As reflexões seguirão uma linha transdisciplinar, ou seja, diferentes ordens teóricas e diversas metodologias como a documental, teórica, literária, as fontes orais, os instrumentos imagéticos e cartográficos serão incluídos numa única disposição, que é refletir o objeto proposto.

### **A cidade de Goiás representada por diversas fontes**

Elegemos diferentes tipos de sujeitos e fontes para construir a representação da cidade de Goiás. Um senhor que nasceu na zona rural do município e mora na cidade mais de 50 anos narrou:

Falá Goiás véio, meu fio, é muito feio. Essa cidade é famosa, sempre foi famosa...Agora ocê sabe, né, ela é isso...Patrimônio da Humanidade, aqui vem gente demais, gente importante, governador, artista, todo mundo conhece essa cidade, então nós daqui, né, o povo fala, nós num gosta de falá "Goiás Veio", não. Eu até num importo, não. Eu vi tudo aqui acontecê. Oh, Goiás passo pru momento difícil, teve crise, o povo parece que tinha raiva daqui, aqui era o fim do mundo. Agora a cidade tá muito bunita, muita coisa vem prá cá, até o governo, ele vem governá aqui de vez em quando.

O sentido de adesão vital desse antigo morador demonstra que ele tem uma percepção das mudanças da cidade. Ao dizer que a cidade passou por crise, ele demonstra a percepção de que a transferência da capital do estado de Goiás para Goiânia timbrou a cidade como expressão de atraso, da lonjura do mundo civilizado, de morfologia extravagante, enfim, um lugar mórbido e feio.

A sua representação mostra, também, que o título de Patrimônio da Humanidade, revigorou o sentido da cidade. Um sujeito fundado nos matizes acadêmicos já possui uma posição mais complexa. Diz um professor de Geografia que mora e atua na cidade de Goiás. E que, fundindo o olhar de morador e de intelectual, registra:

Olha, Goiás vive um momento muito interessante: o título de Patrimônio da Humanidade trouxe eventos para cá; o comércio de artesanato, licor, quadros, doces, hotéis, pousadas movimentaram mais a economia da cidade; a cidade deixou de ter o desprezo advindo da transferência, mas ela continua muito segregada, pois ela é hoje um espaço para o turismo e quem tem condições de se aproveitar disso são poucas pessoas. Continua havendo ainda muitos pobres; e a juventude não tem como trabalhar. Parece que tem duas cidades: a que o turista vê, fotografa, filma, traz a família, acha bonita. E outra que está aí, mexendo, sofrendo...

A representação mais analítica desse sujeito e com tino mais político demonstra que o tombamento gerou aspectos, em sua visão, positivos, mas não incluiu a totalidade de situações de renda, classe e de sujeitos que formam a cidade. Ao indagá-lo se ele gostava da cidade, ele disse: *“Rapaz, aqui é o melhor lugar do mundo. Quem não quer viver num lugar bonito como esse, olha essa serra, o rio Vermelho, a casa da ponte da Cora, a simplicidade do povo, a tranqüilidade...”*.

Percebe-se que os marcos identitários da cidade ecoam em sua representação como elementos que positivam a sua estima de cidade. Uma liderança que esteve presente na luta pela titulação da cidade em Patrimônio da Humanidade já tem uma representação estratégica:

Aqui tem tudo para ser transformada num grande objeto turístico. As festas religiosas, a arquitetura, as ruas, a riqueza cultural, a natureza, as águas. E tem também a história, a memória, de maneira que pode ser feito um turismo ecológico, um turismo religioso, um turismo histórico e cultural. Mas o importante é criar condições de sustentabilidade. Os eventos estão vindo para cá, a cidade está ressurgindo, a gente vê uma alegria estampada nas pessoas. As pessoas sentem orgulho de morar aqui, de serem daqui. Mas para criar um turismo sustentável deve haver envolvimento de todo mundo, de todos os segmentos. As pessoas precisam se organizar.

Essa representação mostra que, de fato, há uma ligação do título com o turismo. E que este para ser inclusivo necessita de vários grupos e de organização. Ainda que tacitamente, o seu discurso demonstra o sentido de disputa do espaço tornado patrimônio, uma vez que, “quem não se organiza” não terá como aproveitar das condições apresentadas pelo espaço. Simão (2001, p. 67) ao analisar o uso desse tipo de espaço para o turismo aborda diferentes facetas explicando que

O processo de desvalorização do passado e das referências da memória pelo qual passou o homem moderno, ainda refletido na

cultura, impôs à sociedade um enorme desconhecimento de sua história. Os lugares depositários de patrimônio histórico e de referência cultural constituem, intrinsecamente, potenciais turísticos, uma vez que são “lugares eternizados como espaços de desejo” (DAMIANI, 1997, p.48). Entretanto, somente configurar-se como potencial turístico não lhes dá a primazia de desenvolver o turismo como atividade econômico. O desconhecimento ou a má utilização do potencial pode resultar na depreciação dos bens ou no desinteresse do turista pelo lugar. As formas de utilizar o tempo e os espaços precisam ser aperfeiçoados e/ou maximizados.

De acordo com as idéias da autora, é comum ao sujeito contemporâneo fundado nos conflitos da vida urbana, estressado, comumente assolado pela polifonia e por diversos tipos de poluição, assim como perdido na multidão, buscar as referências em espaços históricos que mostram as suas raízes. Todavia, isso pode prover diferentes perspectivas. O fato é que a cidade de Goiás entra nesse cenário de espaço, cumprindo o papel de codificar o enraizamento cultural e histórico de um povo pela via de seus traçados.

### **Os espaços de raízes: tempos acumulados na Cidade de Goiás**

A idéia de que o espaço é guardião de tempos tem uma forte aceitação, especialmente entre geógrafos. E faz derivar uma compreensão de que os lugares sempre estão sendo codificados e recodificados à medida que, as suas variáveis internas e as variáveis externas, advindas de sua relação com o entorno e com o mundo, o coloca num eterno movimento.

Entretanto, os códigos temporais são superpostos, entrecruzam-se e definem a memória do lugar. No caso da cidade de Goiás, a sua identidade de raiz não se deve somente às funções urbanas, políticas e administrativas que a gerou, mas às suas formas e à sua representação registrada no imaginário de sua gente.

Fundada em 1727, a cidade de Goiás, apelidada também de “Goiás Velho”, nasceu como Arraial de Santana, um ponto da cobiça do bandeirantismo paulista pelo ouro de aluvião, daí a importância histórica, social e cultural do Rio Vermelho que corta a cidade. Em 1749, a cidade de Goiás se tornou a capital da Capitania de Goiás. E já, em 1770, apresentava os primeiros sinais da decadência do ouro, sendo obrigada a desenvolver novas atividades, especialmente a agricultura de subsistência.



Fig. 2: Brasil – localização da cidade de Goiás- GO  
Fonte: IBGE – Digitalização SIEG-GO(2004); Elaboração final: Elizon Nunes.

Em que pese haver um debate intenso na historiografia goiana em torno da decadência, declínio, assimilação ou atualização de funções da cidade de Goiás após a fase da mineração, outros centros mineradores do estado entraram em declínio econômico, que se estendeu até o final do século XIX.

Esse processo de declínio econômico leva os espaços a um empobrecimento. A cidade de Goiás vai perdendo a sua representação, o que é intensificado à medida que, na nação, progride a bandeira da integração nacional, da modernização do território, da industrialização e da urbanização.

A codificação de atraso, rudeza, pouco dinamismo aliado ao conflito das oligarquias locais, fazem parte dos discursos que, na época, defenderam o processo de mudança da capital. É período em que a cidade de Goiás passa a ser fiel representante do atraso, justificado pelo relevo incongruente com a modernização; pelas ruas tortas, curtas e íngremes, portanto, lentas e toscas; pelo povo ligado ao rural mais que ao urbano, emblema da tradição rural.

Desdobra-se dessa situação, a entrada da cidade de Goiás num conflito simbólico em que, diante dos olhos racionais da modernização, ela significava o torto, o lento, o mítico. O que deveria, portanto, ser superado.

A transferência da capital para Goiânia reforça o sentimento de derrota espacial. As representações sobre a cidade de Goiás, inclusive a autorepresentação feitas pelos seus sujeitos, cria uma zona emocional depressiva. Paradoxalmente, a consolidação da modernização desigual do território goiano com fortes ímpetus nas décadas de 1970 e 1980 já com Goiânia tornada metrópole, é que passa a gerar interesse pelo espaço da cidade de Goiás, como fonte da memória histórica; acervo arquitetônico; expoente da cultura local; registro dos sentidos originais da gente goiana.

O crescimento de Goiânia juntamente com o seu envolvimento espacial com o entorno, criando uma constelação urbana em torno de dois milhões de habitantes e, apresentando a expansão prolongada de uma periferia proletária que parece não cessar, cria uma mutação na representação de cidade: o que era feio torna-se belo – como é o caso da cidade de Goiás; e o que foi criada para ser bela, tornou-se feio, como é o caso de Goiânia e o seu entorno.

O título do patrimônio da Humanidade entra nessa ressurreição espacial. Moraes (2002, p. 63) explica que,

A existência desse patrimônio na paisagem urbana de Goiás e o patrimônio do seu entorno, constituído por elementos naturais e sociais, permitiu à cidade a conquista, junto a UNESCO, do título de Cidade Patrimônio da Humanidade. Para a conquista desse título, os órgãos competentes das esferas municipal, estadual e federal vêm cumprindo as exigências legais. A cidade tem passado, nos últimos tempos, por uma reestruturação, no espaço urbano, para se adequar a essas exigências...

Mais à frente, a pesquisadora aborda:

Os moradores de Goiás foram e são os agentes produtores, construtores, consumidores e conservadores desse Patrimônio Histórico. É a consciência deles desse papel que permitirá a compreensão da sua dinâmica sócio-cultural, numa relação dialética entre objetividade e subjetividade. O sentimento de pertencimento a esse espaço possibilitará uma política de gestão participativa de produção, uso e conservação dos elementos do Patrimônio Histórico da cidade de Goiás (MORAES, 2002 p. 63).

A compreensão de que o estatuto de Patrimônio da Humanidade apenas com título pode tão-somente fundar uma apropriação estratégica por agentes externos à vivência do espaço e que o verdadeiro sentido de patrimônio está no

pertencimento que, por sua vez, depende da consciência, do sentido de participação e de gestão compartilhada, nos clama para aprofundar a idéia de cultura como patrimônio.

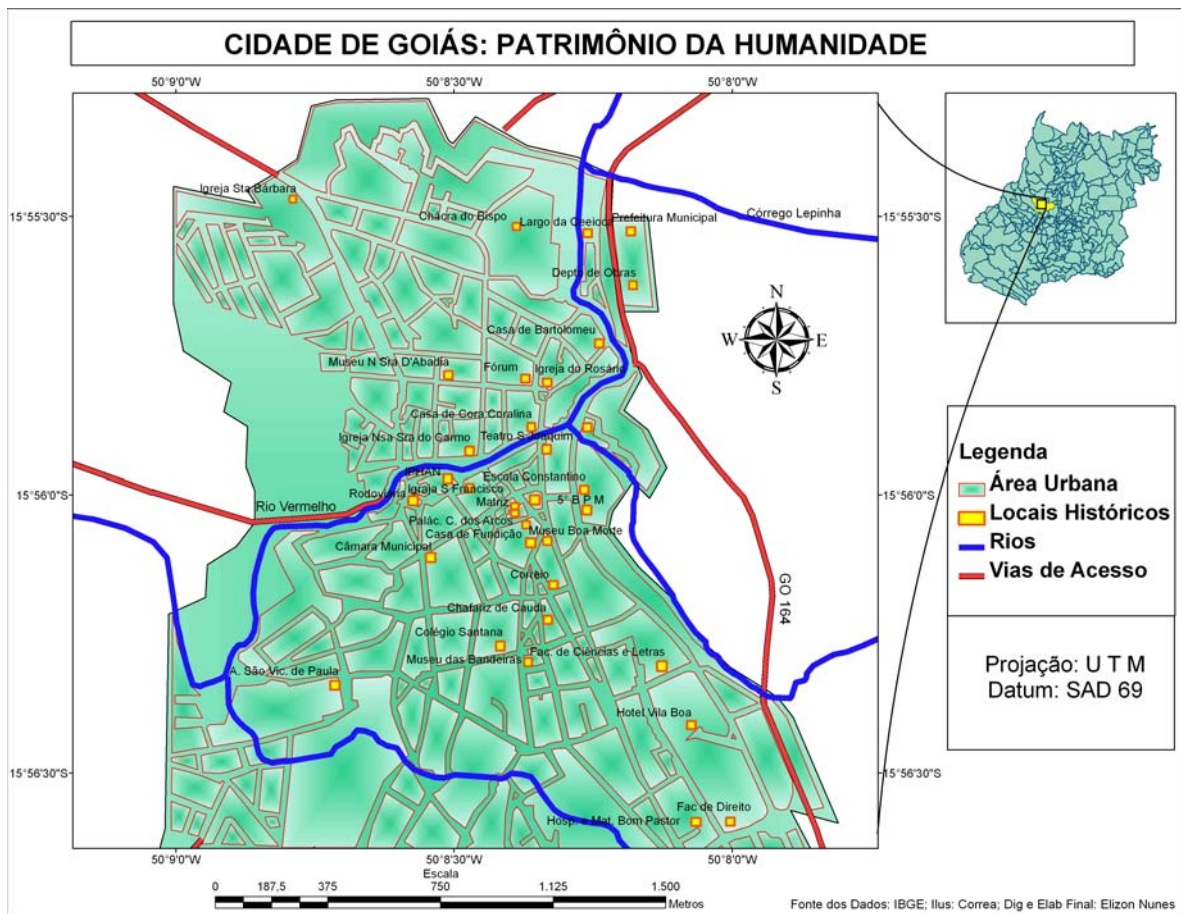


Fig.3: Cidade de Goiás: patrimônio histórico da humanidade  
FONTE: IBGE(2000) – Elaboração digital Elizon Nunes.

## O patrimônio cultural da Cidade de Goiás: palavras de Aninha

A palavra patrimônio em estado de dicionário possui diversas acepções. Especialmente em Goiás, ela ainda designa “cidade pequena”, “distritos urbanos”, “vilas”. Refere-se também às propriedades físicas de terra, assim como a propriedade pecuniária e tem sido incisiva para representar a riqueza genética da biodiversidade como na expressão patrimônio genético.

Na ordem do que estamos refletindo, patrimônio não é apenas uma figura de lei, uma rubrica da gestão do espaço urbano e histórico. Diz respeito aos elementos subjetivos, simbólicos e culturais de um espaço a partir da sua importância histórica e cultural prestando-se a ser uma memória histórica. Por essa via de compreensão, é que veremos o patrimônio cultural da cidade de



Goiás escrito por uma de suas maiores representantes, a poetisa Cora Coralina.  
Diz ela no poema "Minha Cidade:

### MINHA CIDADE

Goiás, minha cidade...  
Eu sou aquela amorosa  
De ruas estreitas,  
Curtas,  
Indecisas,  
entrando,  
saindo uma das outras,  
eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa  
Eu sou Aninha  
Eu sou aquela mulher  
Que ficou velha  
Esquecida  
Nos teus larguinhos e nos teus becos tristes  
Contando estórias  
Fazendo adivinhação  
Cantando teu passado  
Cantando teu futuro  
Eu vivo nas tuas igrejas  
E sobrados  
E telhados  
E paredes  
Eu sou aquele teu velho muro  
Verde de avencas  
Onde se debruça um antigo jasmineiro  
Cheiroso  
Na ruinha pobre e suja  
Eu sou estas casas  
Encostadas  
Cochichando umas com as outras  
Eu sou a ramada  
Dessas árvores  
Sem nome e sem calia  
Sem flores e sem frutos de que gostam  
A gente cansada e os pássaros vadios  
Eu sou o caule  
Dessas trepadeiras sem classe  
Nascidas na frincha das pedras  
Bravias,  
Renitentes  
Indomáveis  
Cortadas  
Maltratadas  
Pisadas  
E renascendo  
Eu sou a dureza desses morros,  
Revestidos,

Enflorados  
Lascados a machado  
Lanhados, lacerados  
Queimados pelo fogo  
Pastados  
Calcinados  
E renascidos  
Minha vida  
Meus sentidos,  
Minha estética  
Todas as vibrações  
De minha sensibilidade de mulher  
Têm, aqui, suas raízes  
Eu sou a menina feia  
Da ponte da Lapa  
Eu sou Aninha.

A leitura do poema de Cora pode destacar vários atributos demonstrando a relação entre espaço e cultura e entre cultura e a vida. A poetisa ao narrar a sua vida não pode fazê-lo sem o espaço. Por isso, as “ruas estreitas” e “indecisas” se juntam a representação que sofria: “eu sou aquela menina feia da ponte da lapa”. E se os “becos são tristes”, agora a velha cidade pode transmutar o que era tristeza em elementos da memória da cultura de seu espaço e de seu tempo, por isso são destacados para lembrar as “estórias” e “as adivinhações”.

Além disso, foi vivendo o espaço, nas igrejas, subindo os muros, amando as avencas, os jasmineiros cheirosos, sentindo a dureza das pedras, as trepadeiras que, pequenos artefatos naturais, sociais e culturais tornam-se os referentes da poetisa, com os quais e mediante os quais foi possível inscrever a sua identidade de mulher, de ser concreto, não apenas externamente pela representação do Outro, mas em campos efetivos e essenciais como os sentidos, a sensibilidade, o senso estético e a vontade de viver. Isso tudo é que gerou as suas raízes, lugar de onde veio, fonte simbólica do que foi – e é –, condimento da memória de si e dos seus, enlace de seu tempo, uma mulher velha, eternamente Aninha da ponte da lapa, fundida ao espaço.

O poema de Cora, numa espécie de autobiografia emanada do lugar em que relaciona espaço e cultura, demonstra que os símbolos, a comida, as cantigas, o modo de vida, os hábitos, a moradia, inclusive os cheiros, as dificuldades dão a cultura um lugar de patrimônio da vida, uma vez que é, por ela, mediante ela e construindo-a que se cria sentidos individuais, coletivos e identitários ao lugar.

Ora, se não há vida humana sem cultura, pois desde a linguagem passando pela vivência do espaço até os últimos significados que se dão à morte e à vida, sempre haverá a ocorrência dos símbolos e dos signos na trama de todas as ações, pode-se, assim, defender e ajuizar que os elementos imateriais da cultura são patrimônios de um grupo, de um lugar ou de uma nação, além da

simples significação mercantil e física. Isso é robustecido em outro poema de Cora Coralina:

### **TODAS AS VIDAS**

Vive dentro de mim  
Uma cabocla velha  
De mau olhado  
Acocorada ao pé do borralho,  
Olhando para o fogo.  
Benze quebrando,  
Bota feitiço...  
Ogum. Orixá.  
Macumba, terreiro,  
Ogã, pai-de-santo...  
Vive dentro de mim  
A lavadeira do Rio Vermelho  
Seu cheiro gostoso  
D'água e sabão  
Rodilha de pano  
Trouxa de roupa  
Pedra de anil,  
Sua coroa verde de são-caetano.  
Vive dentro de mim  
A mulher cozinheira.  
Pimenta e cebola  
Quitute bem feito,  
Panela de barro.  
Taipa de lenha  
Cozinha antiga  
Toda pretinha  
Bem cacheada de picumã  
Pedra pontuda  
Cumbuco de coco  
Pisando alho-sal  
Vive dentro de mim  
A mulher do povo.  
Bem proletária  
Bem linguaruda  
Desabusada, sem preconceitos  
De casca-grossa  
De chinelinha e filharada,  
Vive dentro de mim  
A mulher roceira –  
Enxerto de terra  
Meio casmurra,  
Trabalhadeira. Madrugadeira. Analfabeta.  
De pé no chão.  
Bem parideira  
Bem criadeira.  
Seus doze filhos

Seus vinte netos.  
Vive dentro de mim  
A mulher da vida  
Minha irmãzinha...  
Tão desprezada,  
Tão murmurada...  
Fingindo alegre o seu triste fardo  
Todas as vidas dentro de mim:  
Na minha vida –  
A vida mera das obscuras.

No “Todas as Vidas”, o passeio poético de Cora no lugar mais uma vez é feito na perspectiva da mulher. Além de ressaltar a perspectiva de gênero envergando uma crítica sutil ao sertão patriarcal, machista e patrimonialista, o ressalto maior é o sentido coletivo a partir da insígnia “vive dentro de mim”.

Ao cantar que em si vivem todas as mulheres, o poema viaja no mundo real do lugar mostrando aspectos objetivos e subjetivos. A existência da mulher negra de origem africana, da mulher que tem o hábito indígena de se postar em forma de cócoras, a rezadeira e a benzedeira, a lavadeira, a cozinheira, a mulher cheia de filhos, a roceira e a prostituta mostra um espaço feito de gente, de relações, de cruzamento de etnias e visões de mundo.

Do mesmo modo coloca-se relativo aos hábitos e aos instrumentos que povoam o mundo de relações, demonstrando que os elementos físico-territoriais, os culturais e os simbólicos se efetivam nas tramas culturais, que, por sua vez, geram vida usando diferentes artefatos que, também, dizem as possibilidades, a identidade do lugar no tempo do mundo. De repente, um simples borralho e um simples picumã são artefatos do modo de vida que dizem um tempo, o lugar do sujeito humano na construção coletiva da vida. Além de um mundo real composto de ferro e fogo, de terra e de símbolos, o patrimônio compõe-se também de desejo e fantasia:

### **EU VOLTAREI**

Meu companheiro de vida será um homem corajoso de trabalho,  
servidor do próximo,  
honesto e simples, de pensamentos limpos.  
Seremos padeiros e teremos padarias.  
Muitos filhos à nossa volta.  
Cada nascer de um filho  
será marcado com o plantio de uma árvore simbólica.  
A árvore de Paulo, a árvore de Manoel,  
a árvore de Ruth, a árvore de Roseta.  
Seremos alegres e estaremos sempre a cantar.  
Nossas panificadoras terão feixes de trigo enfeitando suas portas,  
teremos uma fazenda e um Horto Florestal.  
Plantaremos o mogno, o jacarandá,

o pau-ferro, o pau-brasil, a aroeira, o cedro.  
Plantarei árvores para as gerações futuras.  
Meus filhos plantarão o trigo e o milho, e serão padeiros.  
Terão moinhos e serrarias e panificadoras.  
Deixarei no mundo uma vasta descendência de homens  
e mulheres, ligados profundamente  
ao trabalho e à terra que os ensinarei a amar.  
E eu morrerei tranqüilamente dentro de um campo de trigo ou  
milharal, ouvindo ao longe o cântico alegre dos ceifeiros.  
Eu voltarei...  
A pedra do meu túmulo  
será enfeitada de espigas de trigo  
e cereais quebrados  
minha oferta póstuma às formigas  
que têm suas casinhas subterra  
e aos pássaros cantores  
que têm seus ninhos nas altas e floridas  
frondes.  
Eu voltarei...

Aqui está cantado o lugar real na perspectiva do desejo e da perspectiva histórica da felicidade. O canto é sensível e simples, por isso tem também um desejo simples. Como se vê, tudo está ligado à terra e ao trabalho. A realidade da tradição goiana sob o regime da troca simples, não apenas cifra o campo das relações societárias, mas também da imaginação e do sonho, o que indica o sentido abrangente da cultura como patrimônio e da vida como cultura.

### **Desafios da gestão de áreas protegidas: a disputa dos lugares**

Como foi visto pelo modo como o tema foi abordado, a cidade de Goiás passou por três grandes fases: primeiramente, tornou-se o lugar primordial, signo do começo do lugar, expoente da vida social de um povo; posteriormente, entrou em declínio à medida que a sua função primordial deixou de ser destaque, especialmente a partir de 1930, quando a perspectiva da nação era desenvolver o país, integrá-lo, industrializá-lo e urbanizá-lo.

E, por fim, no momento que o processo de modernização do território é consolidado, a sociedade goiana torna-se urbana, Goiânia se torna metrópole, os lugares do território goiano são usados, gestados e vigiados, a cidade de Goiás é transformada num Patrimônio da Humanidade.

O que num dado momento era timbrado como sinal de atraso, agora é codificado como memória. Todavia, o lugar é disputado a partir de diferentes intenções e componentes sociais, como o mercado imobiliário, as apropriações políticas, a rede de hotelaria, as grandes feiras e eventos. Todos esses aspectos desafiam a gestão desse tipo de espaço, impondo a seguinte interrogação: como criar sentidos de vida nesses espaços disputados? Em outro sentido, a pergunta é: como elaborar uma gestão inclusiva de espaços instituídos como Patrimônio?

Um primeiro aspecto é que, na ordem do atual momento, qualquer tipo de gestão não pode ter uma posição política dogmatizada. Compreende a atual fase do planejamento e da gestão entender que há três componentes que se aglutinam e se complementam – o técnico, o político e o pedagógico.

Em decorrência desses campos, é que tem sido proposto o modelo de gestão compartilhada. Ela deve envolver os vários segmentos sociais na circularidade de diálogos, discussões, descobertas de rumo, realização de tarefas e avaliações. Sendo assim, a cidade de Goiás para ser um Patrimônio da Humanidade deve ser, antes, um Patrimônio dos sujeitos do lugar que vivem o espaço, usam-no, cuidam e zelam por ele.

O compartilhamento só é possível mediante o campo pedagógico. Entram duas modalidades pedagógicas importantes, a educação ambiental e a educação patrimonial. Por essas modalidades, o patrimônio pode, de fato, tornar-se fonte pedagógica para elaborar uma consciência de lugar e de mundo.

Além disso, a ação efetiva dessa consciência pode garantir uma resistência aos ímpetus espetacularizantes do turismo fundado nos símbolos da mídia. E, então, não transformar a relíquia numa mercadoria, nem a memória numa performance. Mas a ação discursiva apenas dos campos pedagógicos não sustenta usos democráticos do espaço, se não houver programas de sustentabilidade.

Para que essa palavra – sustentabilidade – não ganhe apenas a expressão de uma ideologia, há a necessidade de haver criatividade e adesão aos novos paradigmas que a circulam como a rede de solidariedade, o mercado solidário, a agricultura orgânica, o manejo integrado de elementos naturais e culturais.

A partir da oferta de possibilidade desses paradigmas o rico manancial de signos e de símbolos da cultura do lugar pode endereçar novas consciências de vida e se contrapor às vertentes economicistas do turismo, trazendo-o para enxergar, de fato, a vida como patrimônio e a cultura como elemento central da vida humana.

## Referências

ABREU, M. de A. Sobre a memória das cidades. **Território**, Rio de Janeiro, ano III, n. 4, jan/julho. 1998, p.5-26.

BARREIRA, C. C. M. A. **A região da estrada do Boi**: usos e abusos da natureza. Goiânia: CEGRAF, 1997.

BORBA, O. de F. **Cidade de Goiás**: redefinição de usos e formas. 1998. Dissertação (mestrado) – Instituto de estudos Sócio – Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, 1998.

CHAUL, N. F. **Caminhos de Goiás**: da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: CEGRAF, 1997.

CORALINA, C. **Estórias da Casa Velha da Ponte**. São Paulo: Global, 2000.

CORALINA, C. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1965.

DOURADO, O. Para sempre, memória. **Revista Rua**, Salvador, v.2, n.3, Jan. 1989, p. 65-74.

DOSSIÊ. **Inscrição da cidade de Goiás na Lista do Patrimônio da Humanidade**, 1999.

MAIA, C. E. S. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. Lobato. (Orgs) **Manifestação da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999, p. 191-218.

PORTUGUEZ, A. P. **Consumo e espaço**: turismo lazer e outros temas. São Paulo: Roca, 2001.

RODRIGUES, M. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, P.P.; PINSK, J. (Orgs). **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2001, p.15-27.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: espaço e tempo: razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999.

SIMÃO, M. C. R. **Preservação do patrimônio cultural das cidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VASQUES, C. M.; VALIO, W. V. **Patrimônio cultural**: para preservar. Brasília (DF): IPHAN, 1994.

ZANCHETI, S. et al (org). **Estratégias de intervenção em áreas históricas**: revalorização de áreas urbanas centrais. Recife: UFPEMDU, 1995.

---

#### Informações sobre o autor:

[1] Eguimar Felício Chaveiro – <http://lattes.cnpq.br/9540141505352914>  
Professor do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais (IESA) da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, *Campus* II (Samambaia). Doutor em Geografia Humana pela USP, (SP)  
Contato: [equimar@hotmail.com](mailto:equimar@hotmail.com)